Tinha um presidente, que, antes, havia sido ditador, mas depois foi eleito, só que um negão amigo dele arrumou encrenca na rua e o presidente deu um tiro no peito, peito dele, não do negão, foi um bafafá, mas assumiu o vice, depois veio um presidente que construiu uma cidade no meio do nada e mudou a capital pra lá, aí veio outro,

que falava esquisito e tinha mania de vassoura, e que de repente renunciou, ninguém entendeu bem por que, então deu uma confusão danada, mas acabou assumindo o vice, que começou a ter uma ideias e foi derrubado pelos militares, que botaram um general na presidência, aliás, um não, vários, um atrás do outro,

teve aquele baixinho, depois aquele outro que teve um treco, e assumiu uma junta militar, aí vieram mais três, que não gostavam muito de ser presidentes e, quando ninguém mais agüentava generais, eles deixaram entrar um civil, que tinha sido ministro daquele que deu um tiro no peito,

mas ele também teve um treco, bem no dia da posse, e entrou esse outro, que seria vice, tinha um bigode estranho e se dizia poeta, que fez uma lei proibindo os preços de subir e deu com os burros n’água foi quando voltou a eleição direta

e ganhou um almofadinha, que confiscou o dinheiro da população, construiu uma cascata em casa e quase foi pra cadeia, junto com o tesoureiro, que depois foi morto em circunstâncias misteriosas, mas quando o almofadinha dançou, entrou um vice, aquele do topete, amante de pão de queijo,

que relançou o fusca e lançou um novo dinheiro, bolado por um ministro, que, por isso, virou presidente, e está aí, querendo ficar mais um pouquinho, talvez disputando a eleição com o do bigode, o do topete e, se deixarem, o da cascata.

Bom, é basicamente isso.

Folha. 75 anos tentando explicar esse país.